

Sarraceni: pacto e ruptura

PaULO CÉZAR (com Z) Sarraceni (com um "R" só, embora todos o chameem de Sarraceni) é um dos poucos cineastas que participam da mostra CINEMA DO CINEMA, com dois filmes: o curta *Arraial do Cabo* e o longa *A Casa Assassuada*.

Depois de *Arraial do Cabo* (60), marco, ao lado de Aruanda, de Linduarte Noronha, do alvorecer do Cinemanovismo, ele realizou o poético *Porto das Caixas* (62). Seguiram-se *O Desafio* (65), *Capitu* (68), *A Casa Assassuada* (71), *Amor, Carnaval e Sonho* (72), *Anchieta José do Brasil* (76) e *Ao Sul de Meu Corpo* (83). E vários curtas: *Integração Racial* (64), *Encontro das Águas* (73), *Cinema* (74), *Lacos e Flitas* (75), *Arcanjo Vingador* (79) e *Quadro a Quadro*-Newton Cavalcanti (84).

Agora, cem Leon Hirszman, aguarda fim de querela com o produtor Gianny Amico, para montar um longa-metragem e uma série para a TV, intitulada *Bahia de Todos os Sambas* (registro da passagem de artistas brasileiros — sambistas, frevistas e outros passistas, por Roma). Sarraceni e Hirszman documentaram 36 horas de samba e suor brasileiros, no país dos Césares.

— Por que hoje veremos “*A Casa Assassuada*”, um de seus filmes mais conhecidos

(Prêmio máximo no Festival de Brasília) e não outro filme? “*Porto das Caixas*”, por exemplo.

— Foi sugestão do Bressane. Eu preferia mostrar *Amor, Carnaval e Sonho*; que é, dos meus filmes, o que mais se liga ao espírito de CINEMA DO CINEMA. Mas não conseguimos cópia em bom estado, a tempo.

— Você, um cinemavista de primeira hora, julga seu trabalho como “experimental”?

— De certa forma sim. *Arraial do Cabo* e *Porto das Caixas* são filmes pioneiros, na busca de novos caminhos. *O Desafio*, também teve um lado criativo, ao tentar apreender o momento político, no calor da hora. E embora a maioria de meus filmes seja baseada em obras literárias, isto não quer dizer que não me interesse pelo experimental.

A conversa com Sarraceni renderia belas e alentadas linhas. Afinal, ele, como Coni, Joaquim Pedro, Jabor, Cacá Diegues, Leon, Rui Guerra e Walter Lima Jr. vêm de um tempo em que o exercício do discurso era ativo, gerando, por isto, excelentes “entrevistaveis”. O espaço é limitado. Por isto, só poderemos registrar fato de grande importância: a ruptura do cineasta com os companheiros, no tempo em que se engendrou o pac-

to do governo militar com o Cinema Novo. O resto da conversa fica para outra oportunidade.

— Sarraceni, seu filme “*Anchieta José do Brasil*” foi tomado, por muitos, como peça fundamental no chamado pacto dos cinemavistas com Ney Braga/Golbery/Reis Veloso, representantes do regime militar no MEC, Casa Civil e Seplan. Você concorda com isso?

— O ministro Ney Braga estimulou a feitura de filmes de temática histórica, na segunda metade dos anos 70. Em 73, na Europa, eu escrevera, com Glauber, roteiro sobre Anchieta. Resolvi, então, realizá-lo. Só que o resultado não agradou ao ministro. Cacá e Jabor irritaram-se porque eu estava indo contra “a política de criação e fortalecimento do mercado para o filme nacional”. Começou, então, a minha ruptura com eles.

— Agora, com a formação deste “grupo dos independentes” e a realização desta mostra que se antagoniza ao “cinema de mercado”, esta ruptura se agrava?

— Não. Com a Nova República, os ânimos se serenaram. Minha ação no grupo, que se reuniu na casa de Joaquim Pedro, sempre se voltou para a união e não para acirrar as divergências. (MRC)